



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

ESTEREOTIPAGEM COMO PRÁTICA REPRESENTACIONAL NA FICÇÃO DE MONTEIRO LOBATO

Daniela Galdino Nascimento

(UFBA-CEAO; UNEB)

galdinodaniela@yahoo.com.br

Apenas uma grotesca figura

*“[...] O Brasil torna-se grotesco visto de longe [...] Só agora meço em extensão o atraso infinito, e a estupidez maior ainda, da nossa gente. Somos África pura [...]”
(Monteiro Lobato)¹*

Monteiro Lobato pode ser considerado como um dos autores mais divulgados e conhecidos, no que se refere ao campo literário brasileiro. A sua obra infantojuvenil o consagrou junto a várias gerações, sobretudo com o trânsito obtido em outros espaços sociais de largo alcance – o rádio e a TV. As adaptações televisivas da sua obra comprovam essa crescente repercussão junto ao público brasileiro, subsistida em todas as fases desse processo: 1ª. versão: 1952 – 1963, TV Tupi; 2ª. versão: 1977 - 1986 (Rede Globo, com apoio inicial do Ministério da Educação² e reconhecimento da UNESCO como melhor programa infantil³); 3ª. versão: 2001 (quando a Rede Globo assinou contrato com os herdeiros de Lobato, tendo o acordo validade de 10 anos)⁴. Conforme observação de Caparelli (1983):

[...] Monteiro Lobato continuou a existir em seus livros, mas foi a televisão que lhe deu uma dimensão massiva, quer pelo Sítio dos anos 50 que divulgou seus personagens, quer pelo Sítio dos anos 70 e 80 que o pôs ao alcance da maioria dos brasileiros, alfabetizados ou não (p. 121).

Uma das qualidades da ficção lobatiana reside na potencialização da linguagem, de forma a conquistar o leitor infantojuvenil a partir do estímulo à imaginação,

¹ Fragmento de uma correspondência de Lobato enviada a sua família, quando o autor se encontrava nos EUA. Citado por Sodré e Paiva (2002).

² Financiamento concedido em 1976.

³ Prêmio concedido em 1979.

⁴ Em 2009 o Canal Futura passou a reprisar os episódios da 3ª. fase. Em 2010 o Canal Viva passou a reprisar episódios das versões anteriores



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

criatividade e ludicidade. Esses aspectos foram bem aproveitados em todas as adaptações televisivas, respeitando-se as limitações técnicas de cada época. O certo é que a celebre frase de Monteiro Lobato sobre a sua intencionalidade na relação entre leitores e livros foi o mote da sua criação literária: “ainda acabo fazendo livros onde as nossas crianças possam morar⁵”. A ilustração abaixo, de autoria de Manoel Victor Filho, sintetiza essa pretensão, a partir do mergulho simbólico experimentado por leitores e personagens, o que proporciona o transitar por um mundo ora mágico, ora fantástico e sempre verossímil.

Figura 1: Reinações de Narizinho (versão de 1973)

No entanto, no cerne desse mundo reinventado – cujo passaporte é o despreendimento experimentado pelo leitor e pelas personagens – nota-se alguns aspectos polêmicos, os quais, a partir de um olhar apurado, não devem passar despercebidos. Aliás, polêmica tem sido um elemento que acompanha a recepção da obra infantojuvenil lobatiana, como o recente Parecer de n. 15/2010, do Conselho Nacional de Educação, o qual, ao contrário do que foi difundido pelo periódico Folha de São Paulo, não institui o confisco do livro *Caçadas de Pedrinho*; mas antes considera o Estado brasileiro como indutor de políticas públicas e recomenda, a partir disso, que a referida obra seja utilizada quando os mediadores da leitura se sentirem aptos a desvelar os estereótipos contidos na narrativa. Outro exemplo se relaciona com a recepção da obra lobatiana fora do Brasil, ao final dos anos setenta, conforme atesta Caparelli (1983), referindo-se ao programa televisivo *Sítio do Picapau Amarelo*, premiado pela UNESCO:

[...] O novo Sítio integra a segunda fase da televisão brasileira marcada pelo sistema de redes que unem o norte ao sul. E vai mais longe: marcado pelo intercâmbio a nível internacional, fazendo, por exemplo, que o cassete da série fizesse parte do acervo da UNESCO e, ao mesmo tempo, fosse recusado pelo governo de Angola como racista (p. 120).

O que se nota como tendência marcante na ficção infantojuvenil lobatiana, em se tratando da representação de personagens negros, é um conjunto de caracterizações inadequadas: invisibilidade, animalização, inferiorização e ausência de historicidade são apenas algumas delas. No âmbito deste trabalho, conforme dito anteriormente, a ênfase recai sobre a personagem Tia Nastácia, a quem estão associadas tais caracterizações,

⁵ Em correspondência a Godofredo Rangel *apud* AZEVEDO *et alii*, 1997, p. 165-66.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

seja no plano verbal ou visual. Nesses termos, considera-se que o regime representacional dessa personagem atua no âmbito da repetibilidade dos mecanismos de exclusão, muito embora se tenha a impressão de que, com a inserção de uma personagem negra nas narrativas, haja uma valorização da sua presença.

No Prefácio à primeira edição das obras completas⁶ de Monteiro Lobato, em 1970, os editores apresentaram uma proposta inovadora no que se refere à retomada do trabalho do referido autor, considerando que o universo lobatiano já contava com o reconhecimento do público leitor, conforme seguinte trecho:

[...] Há mais de 25 anos Monteiro Lobato fundava a Editora Brasiliense. Depois desse tempo todo, em que mantivemos os livros e suas ilustrações como foram escolhidos por ele, achamos que já era tempo de mudar. Emilia, Pedrinho, Narizinho, Tia Nastácia, o Visconde e os outros personagens não mudam nunca, mas sua apresentação já estava um tanto ultrapassada. Assim, **resolvemos vesti-los de novo, em cores e com mais alegria e otimismo. O otimismo de Lobato que sempre se superava e modificava à medida do tempo. Estivesse ele ainda vivo e, certamente, aprovaria esta mudança**⁷ [...] (LOBATO, 1973a, p. 3).

Se por um lado os editores investiram no caráter atemporal da escrita de Lobato, por outro, reconheceram a necessidade de modernizar as formas de representação das personagens, o que, afirma-se, foi resolvido com um redirecionamento imagético. A produção visual ficou a cargo do ilustrador e pintor Manoel Victor Filho, profissional reconhecido e com formação artística obtida nos EUA, especificamente na Art Student's League of New York. Salienta-se que Manoel Victor Filho sempre foi tido como um pioneiro no seu campo de atuação, sobretudo por introduzir técnicas desconhecidas em nosso meio. Em 1971 foi agraciado com o Premio Jabuti, justamente por seu trabalho como ilustrador das obras de Monteiro Lobato⁸.

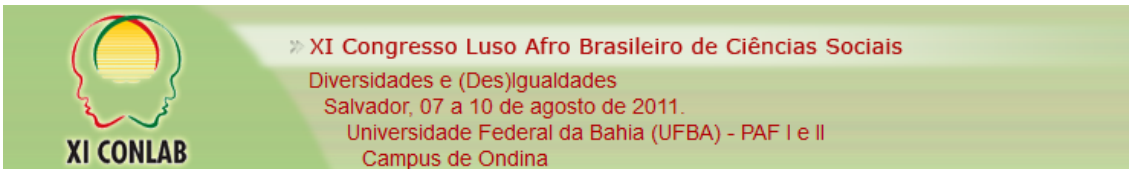
Retomando o prefácio das obras completas e a julgar pela amostra de imagens que compõe este trabalho, tem-se como questionável a afirmação grifada anteriormente. Como exemplo inicial retoma-se a capa e contracapa padronizada para a coleção lobatiana editada pela Brasiliense nos anos 70. Realmente é perceptível o ar de “alegria e otimismo” que envolve as personagens, sobretudo pelo jogo de cores e a sua integração com o ambiente representado. No entanto, um apuro no olhar traz a

⁶ Editora Brasiliense.

⁷ Grifos nossos.

⁸ Fonte: Câmara Brasileira do Livro (CBL).

Disponível em: <http://www.cbl.org.br/jabuti/telas/edicoes-antiores/premio-1971.aspx>



percepção de que a personagem Tia Nastácia aparece no quarto plano da imagem que compõe a contracapa. Ela também surge executando uma tarefa relacionada com a sua função doméstica – talvez para demarcar certa distância desse ar de euforia ou encantamento que marca a vivência das demais personagens no ambiente do Sítio do Picapau Amarelo.

Figura 2: Capa padrão das obras completas de Monteiro Lobato – versão 1973

Figura 3: Contracapa padrão das obras completas de Monteiro Lobato – versão 1973

Ao se dedicar a uma análise historiográfica sobre a inserção de personagens negras na literatura infanto-juvenil brasileira, Gouvêa (2005) analisa a questão, contextualizando nas primeiras décadas do século XX, o que se relaciona diretamente com o universo ficcional constituído por Monteiro Lobato:

Na verdade a questão da raça emerge de forma ambígua ao longo das narrativas. Por um lado, o negro vinha reafirmar a identidade nacional, associado ao folclore brasileiro e marcando com suas histórias, práticas religiosas e valores, a infância dos personagens. Por outro, esses mesmos valores não encontravam lugar no seio de uma sociedade que se pretendia moderna, fazendo-o ocupar um espaço social à parte. Enquanto a modernidade, associada à urbanidade, ao progresso, à técnica, e à ruptura, era representada pelos personagens brancos adultos, os negros eram relacionados a significantes opostos, como tradição, e ignorância, universo rural e passado (Gouvêa, 2005, p. 5).

Esse aspecto torna-se ainda mais evidente na obra *Histórias de Tia Nastácia* (1937), em que se tem o protagonismo da referida personagem, a qual aparece como “exímia” contadora de histórias. Vale ressaltar que no universo do Picapau Amarelo as personagens lobatianas experimentam um revezamento de protagonismo, o que fica evidenciado nos próprios títulos de muitas obras (*Caçadas de Pedrinho*, *Serões de dona Benta*, *O Poço do Visconde*, *Reinações de Narizinho*, *Aritmética da Emília*, dentre outras). No caso de Tia Nastácia tem-se um falso protagonismo, pois nota-se, de maneira única no universo lobatiano, que as suas contribuições – no caso, as *histórias* – são alvo de intenso julgamento por parte das demais personagens, geralmente recaindo numa desvalorização explícita dos saberes socializados pela dita “negra de estimação”. O livro traz, em letras de tamanho maior, as histórias socializadas por Tia Nastácia; em letras menores – sempre após cada história – os comentários das demais personagens a



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

respeito do que foi contado. Exatamente no espaço destinado aos comentários tem-se uma série de falas discriminatórias, representações estereotipadas e constituições caricaturais⁹. No entanto, essa não é a leitura hegemônica a respeito de *Histórias de Tia Nastácia*, como pode ser evidenciado no seguinte fragmento, retirado do principal site dedicado a Monteiro Lobato¹⁰:

São as histórias mais populares do nosso folclore, contadas por tia Nastácia e comentadas pelos meninos. Nesses comentários, no fim de cada história, Pedrinho, Narizinho e Emília se revelam bem dotados de senso crítico, e "julgam" as histórias da negra com muito critério e segurança. É um livro que "ensina" a arte da crítica - coisa que pela primeira vez um escritor procura inocular nas crianças.

(fonte: <http://www.projetomemoria.art.br/>)

Nesse sentido, vale discutir como a ficção de Monteiro Lobato ajudou a construir a idéia de nação brasileira, ao figurar personagens que representariam uma espécie de "Brasil profundo", mas, no entanto, esse mesmo mosaico está embebido de várias formas de discriminação. Em outras palavras, se por um lado Lobato teve o mérito de incluir "tipos" brasileiros¹¹ até então negados pela literatura, por outro lado, o autor inclui para marginalizar, ao constituir essa personagem marcada por, pelo menos, dois paradoxos: uma presença ausente, uma voz sem fala. Essa inserção problemática se relaciona diretamente com o movimento ambivalente de desejo e repulsa analisado por Hall (1997), Bhabha (2003), Young (2005).

Para uma melhor compreensão, cita-se um fragmento que abre o primeiro capítulo da referida obra literária:

[...] – Uma idéia que eu tive. Tia Nastácia é o povo. Tudo que o povo sabe e vai contando de um para o outro, ela deve saber. *Estou com o plano de espremer tia Nastácia para tirar o leite do folclore que há nela.*

Emília arregalou os olhos.

- Não está má a idéia, não, Pedrinho! *Às vezes a gente tem uma coisa muito interessante em casa e nem percebe*¹² [...] (LOBATO, 1973b, p. 101).

⁹ Na obra *Reinações de Narizinho*, as personagens Emilia, Visconde de Sabugosa e Gato Felix também contam histórias que são comentadas, mas nunca com a intensidade do tom depreciativo que marca o livro *Histórias de Tia Nastácia*.

¹⁰ Fonte: PROJETO MEMÓRIA, cuja direção geral e curadoria ficaram a cargo da Emporium Brasilis – Memória e Produção Cultural S/C Ltda., com o apoio da família do autor.
Website: <http://www.projetomemoria.art.br/MonteiroLobato>

¹¹ Esses tipos brasileiros são representados por personagens conectados a grupos que remetem à miscigenação.

¹² De agora em diante, em se referindo aos fragmentos literários, todos os grifos são nossos.



O fragmento supracitado está na página de abertura da obra *Histórias de Tia Nastácia*. A imagem de “tirar o leite do folclore que há” em *Nastácia* é bastante polêmica, pois sugere o ordenamento de uma vaca, recaindo na estratégia hegemônica de animalização de personagens negras na literatura infanto-juvenil brasileira. A referência simbólica ao “leite” poderia suscitar, para alguns, a idéia de amamentação, de nutrir com o leite da sabedoria negra a nação brasileira. No entanto, a interpretação aqui empreendida vai no sentido de identificar nesse, e em outros fragmentos da obra em questão, os processos de naturalização ou de representação de uma pretensa naturalidade.

A respeito da naturalização, o sociólogo Antonio Sergio Alfredo Guimarães observa que “[...] as hierarquias sociais podem ser justificadas e racionalizadas, por conseguinte, de diferentes modos, fazendo, todas, apelo à ordem natural [...]” (GUIMARÃES, 2005, p. 32). Portanto, “[...] o processo de “naturalização” está presente em todas as hierarquias sociais, sendo um traço constitutivo das relações de dominação [...]” (*idem*, p. 33). Nesse sentido, destaca-se que:

[...] A ordem natural presumida, portanto, pode ter uma justificativa teológica (origem divina); científica (endodeterminada); ou cultural (necessidade histórica – como no caso de evolucionismos que justificam a subordinação de uma sociedade humana por outra). Em todos os casos, quando essa ordem natural delimita as distancias sociais, assiste-se a sistemas de hierarquização rígidos e inescapáveis [...] (Guimarães, 2005, p. 32).

Em se tratando da escrita lobatiana e, nesse contexto, o tratamento dispensado à personagem em questão, observa-se a recorrência a essa rigidez hierárquica a que se refere Guimarães, sobretudo para demarcar a perenidade de uma condição subalterna. Assim, tia *Nastácia* representa, mais do que uma personagem isolada, a trajetória de uma coletividade negra. Isso torna-se perceptível, de maneira intensa, na obra que, paradoxalmente aponta o seu protagonismo. Ainda em *Histórias de Tia Nastácia* (1937) têm-se outras passagens em que o sentido da animalização prevalece, inclusive, como estratégia de naturalização nas formas de se imaginar a personagem:

[...] – Pois cá comigo – disse Emília – só aturo essas histórias como estudos da ignorância e burrice do povo. Prazer não sinto nenhum. Não são engraçadas, não têm humorismo. Parecem-me muito *grosseiras e bárbaras – coisa mesmo de negra beijuda, como tia Nastácia*. Não gosto, não gosto e não gosto... (LOBATO, 1973b, p. 110).

.....



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

[...] – E eu – disse Pedrinho – fiquei com vontade de comer mandioca cozida, da bem enxutinha, com melado de rapadura. Upa! *É uma coisa da gente lamber os beiços.*

- *Beiço é de boi* – protestou Emília. - *Gente tem lábios* (LOBATO, 1973b, p. 138).

Tia Nastácia é uma mulher subalterna a quem não se permite expressar a si mesma. Tida como primitiva, é muito mais comparada a animais do que a outros seres humanos. Ela é uma degenerada. Por conta disso, nota-se uma preocupação e obsessão em marcar a diferença como algo patológico; sendo a encarnação da diferença, a representação de Tia Nastácia por vezes vem associada à redução à natureza. O efeito performativo da linguagem, portanto, cria a própria realidade que o texto intenta descrever. Vale lembrar, em consonância com Hall (1997): “[...] What is declared to be different, hideous, ‘primitive’, deformed, is at the same time being obsessively enjoyed and lingered over because it is strange, ‘different’, exotic [...]” (p. 268).

Essa estratégia de animalização é um aspecto analisado por Sodré e Paiva (2002), ao discutirem a configuração do grotesco como forma de representação. Para os autores, o grotesco é uma desproporção risível. Nesse sentido, a animalização torna-se crucial para o funcionamento do grotesco, pois significa “[...] o rebaixamento frente a valores tidos como excelsos ou para uma radical ausência de qualidades (consciência moral, sexualidade civilizada, alimentação regrada, máscaras identitárias, etc.), isto é, o grau zero da condição humana [...]” (p. 21-2). Seja no plano verbal ou visual, a personagem Tia Nastácia estaciona nesse estágio, simbolizando uma galeria de “[...] humanos que presumidamente teriam afinidades com o estado natural das feras” (p. 51).

No entanto, retomando as questões relacionadas com a ambivalência, ratifica-se o aspecto da inclusão excludente que marca a referida personagem. Nesse sentido estabelece-se uma conexão com o discurso colonial, haja vista que tamanha animalidade vem justificar uma ação redentora protagonizada por seres em condições mais evoluídas – nesse caso, a personagem Dona Benta passa a representar essa possibilidade. Em outras palavras, infere-se que a partir de um processo de domesticação ocorra o afastamento da animalidade que se constitui como uma marca da personagem Tia Nastácia. Esse aspecto se relaciona diretamente com o fetichismo que marca a estereotipia como forma de significação no discurso colonial. A esse respeito haverá uma discussão logo adiante. Por ora, ainda considerando o sentido da animalização, cita-se:



[...]. Com efeito, o que se põe em jogo para o animal é a sua relação com o meio circundante [...] em termos de comida, reprodução e pura conservação de si. Para o homem, por outro lado, contraria em princípio tudo isto mais as questões essenciais do sentido e do valor, que o levam a busca ética da transcendência e a dirigir o seu desejo para valores e ideais [...] (SODRÉ E PAIVA, 2002, p. 50).

Retomando o aspecto do protagonismo ilusório, evidenciado em *Histórias de Tia Nastácia* (1937), afirma-se que ele também é notado na obra *Reinações de Narizinho* (1931), na qual se tem em evidência a desqualificação dos elementos associados à personagem negra. Cita-se:

[...] Tia Nastácia fechara-se na cozinha para fazer o boneco sossegadamente. Uma hora depois reapareceu com a obra-prima na mão.
- Pronto! Não ficou bonito, mas está muito simpático – disse ela, mostrando o produto do seu engenho e arte.
Houve um “Oh!” geral de decepção, porque realmente não se poderia imaginar coisa mais feia, nem mais desajeitada [...].
Pedrinho chegou a ficar danado.
- *Que vergonha, tia Nastácia! Você fez um monstro que não pode ser mostrado a ninguém. Desmoraliza a família!* (LOBATO, 1973a, p. 111)

[...] – Essa sua teima de exigir nas historias pé e cabeça, Emilia, tem sua razão de ser – disse dona Benta. - *As coisas sem pé é nem cabeça dão-nos a impressão de monstruosidades, de coisas contra a natureza [...]* (LOBATO, 1973b, p. 117).

Ratifica-se, para elucidar a leitura aqui realizada, que os fragmentos em questão foram retirados de duas obras diferentes: *Reinações de Narizinho* e *Histórias de Tia Nastácia*, ambas com primeira edição na década de 30. Dito isso se salienta o tratamento repetitivo dado à personagem. Considerando que as ilustrações referentes à Tia Nastácia geralmente suscitam o grotesco, a desproporcionalidade, a caricaturização, o horrendo, percebe-se, no plano da escrita, que toda e qualquer obra, todo engenho ou ofício empreendidos pelas suas mãos irregulares irão trazer a marca da imperfeição e distorção. Nos fragmentos supracitados o boneco João-faz-de-conta está para as histórias contadas pela personagem.

Conforme dito anteriormente, em se tratando de literatura infanto-juvenil a conjugação entre palavra e imagem é fundamental para o processo de significação, o que não implica em considerar que a imagem seja uma repetição, um mero acessório da palavra. A imagem se conecta a um discurso específico, o visual e, como tal, faz circular sentidos. Portanto, há de se considerar tanto a produção discursiva operada por

Monteiro Lobato, no plano verbal, quanto a produção visual operada pelo ilustrador da sua obra, nesse caso, o artista Manoel Victor Filho.

Em referência ao fragmento citado anteriormente – episódio da fabricação do boneco João-faz-de-conta – e retirado da obra *Reinações de Narizinho*, tem-se a seguinte ilustração:

Figura 4: Tia Nastácia em *Reinações de Narizinho*

Antes de qualquer coisa vale ressaltar que a ilustração ocupa uma página inteira e revela a inovação do autor, ao trabalhar com pintura a óleo para compor o projeto visual das obras lobatianas. Para a época, essa estratégia foi considerada como louvável, marcada por certo primor na composição, o que, conforme dito anteriormente, rendeu a Manoel Victor Filho o prêmio Jabuti (1971) na categoria ilustrações. Então, a imagem acima se conecta ao que foi tido como melhor na produção do artista e se relaciona com o projeto de redefinição visual das obras lobatianas: o colorido, a luz, a nitidez.

Por outro lado, a partir dessa ilustração podem ser observados alguns elementos recorrentes na forma de representar a personagem em questão. O primeiro elemento é a desproporcionalidade, ocasionada pelo exagero das formas e de alguns traços físicos: como a personagem é constantemente chamada de “negra beicuda”, tem-se o exagero para acentuar essa marca física. A sua corpulência também é algo que sofre ampliação, em algumas cenas somente compatível com a representação gráfica de animais. Entende-se essa estratégia como uma caricaturização: sublinhar, enfatizar até se atingir o exagero. Segundo Sodr e e Paiva (2002), a caricatura   o “[...] ponto de partida para, atrav es de media es est ticas e mesmo fisiológicas, chegar ao grotesco [...]” (p.53)

Uma defini o bem sint tica que os autores apresentam   a seguinte: “[...] o grotesco   o belo de cabeça para baixo –   uma espécie de catástrofe do gosto clássico [...]” (*idem*, p. 28). Isso porque o grotesco revela uma tensão, um desequilíbrio entre as formas e, sobretudo, um “[...] desvio de uma norma expressiva dominante, seja referente a costumes, seja referente a conven es culturais [...]” (Sodr e e Paiva, 2002, p. 31). Os próprios autores chegam a sugerir a presença do grotesco na fic o lobatiana, especificamente na modalidade expressiva teratológica, em que se tem “[...] referências



risíveis a monstruosidades, aberrações, deformações, bestialismos [...]” (p. 68). Nessa modalidade, o grotesco insinua-se no deslocamento do físico e psicológico, o que exatamente ocorre nas representações de Tia Nastácia, pois a sua bestialidade e deformação é insinuada na representação visual e no seu trânsito em situações sociais (expresso no plano verbal).

Para fins de comprovação, cita-se o fragmento literário que vai associado à figura 4:

[...] – João-faz-de-conta é o melhor nome que acho para este boneco.
- Por que?
- João, porque ele tem cara de João. Todo sujeito desajeitado é mais ou menos João. E Faz-de-conta porque só mesmo fazendo de conta se pode admitir uma feiúra desta. Faz de conta que não é feio. Faz de conta que não tem ponta de prego nas costas. Faz de conta que...
- Chega, Emilia. Já está tudo bem explicado – disse Narizinho com os olhos postos no boneco. Você tem razão. Não pode haver nome mais bem posto. Todos acharam a mesma coisa e classificaram a boneca como a melhor “botadeira de nome” do sitio [...] (LOBATO, 1973a, p. 112).

Vale lembrar que foi Tia Nastácia quem fez Emilia, conforme se vê na primeira página do mesmo livro *Reinações de Narizinho* e, para tanto, utilizou trapos e restos de coisas ao compor a boneca:

[...] Na casa ainda existem duas pessoas – tia Nastácia, negra de estimação que carregou Lucia em pequena, e Emilia, uma boneca de pano bastante desajeitada de corpo. Emilia foi feita por tia Nastácia, com olhos de retrós preto e sobancelhas tão lá em cima que é ver uma bruxa [...] (LOBATO, 1973a, p. 11).

No entanto, a maior ironia se dá pelo fato de que Emilia (uma boneca de trapo), vai sendo transformada no processo de convivência; a boneca se humaniza, mas Tia Nastácia, não – ao contrário, cada vez mais a sua representação se aproxima da estratégia de animalização. O primeiro passo para a humanização de Emilia foi a ingestão das pílulas mágicas do Dr. Caramujo (a famigerada pílula falante). Não se pode perder de vista que nessa mesma narrativa Tia Nastácia ingere uma dessas pílulas por engano, o que não altera a sua condição de bestialidade, apenas lhe traz a cura de uma “tosse de cachorro” que a incomodava por duas semanas. Em síntese, cada vez mais, no ciclo narrativo infanto-juvenil lobatiano, há essa inversão envolvendo as duas personagens: humanização da boneca, animalização da mulher.



Tia Nastácia, nesses termos, simboliza uma alteridade inquietante ou “o inquietante familiar” (Cf. SODRÉ E PAIVA, 2002). E como o corpo passa a ser o lugar de inscrição dos estereótipos (Cf. HALL, 1997), a representação corpórea dessa personagem perpassa pelo grotesco. Em primeiro lugar porque “[...] a afirmação da supremacia das funções corporais sobre as do espírito sinaliza a presença dessa categoria [...]” (SODRÉ E PAIVA, 2002, p. 52); em segundo, porque o corpo grotesco “[...] opõe-se ao fechado monumentalismo do corpo clássico [...]” (p. 57); em terceiro, a partir do que se denomina como motivos híbridos, o “[...] corpo grotesco presta-se a metamorfose e a mistura, ensejando uma “bicorporalidade” em que os elementos se alteram e se encadeiam aos seguintes [...]” (p. 59); por fim, “[...] Se acrescentarmos a esse quadro a possibilidade de riso, ainda que seja um riso nervoso inquieto ou temeroso, podemos nos deparar com o fenômeno esteticamente apontado como “grotesco” (p. 62). Para Sodr e e Paiva (2002), a conjugação desses aspectos faz com que o corpo grotesco seja representado a partir da tensão do limite entre o humano e o animal. Cita-se:

[...] Grotesco é ai, propriamente, a sensibilidade espontânea de uma forma de vida. É algo que ameaça continuamente qualquer representação (escrita, visual) ou comportamento marcado pela excessiva idealização. Pelo ridículo ou pela estranheza, pode fazer descer ao chão tudo aquilo que a idéia eleva alto demais [...] (*idem*, p. 39).

Como não poderia deixar de ser, essa visão é diretamente associada ao universo simbólico da personagem, portanto, nota-se que Tia Nastácia representa a imagem paradoxal do grão sem voz, ainda que socialize histórias e saberes.

[...] – Sim – disse dona Benta. – Nós não podemos exigir do povo o apuro artístico dos grandes escritores. O povo... *Que é o povo? São essas pobres tias velhas, como Nastácia, sem cultura nenhuma, que nem ler sabem e que outra coisa não fazem senão ouvir as histórias de outras criaturas igualmente ignorantes, e passá-las para outros ouvidos, mais adulteradas ainda* (LOBATO, 1973b, p. 110).

[...] Então dar uma vara mágica a uma pessoa é castigar? Quem me dera ser castigada assim! Tudo bobagens de negra velha. *Nessa história vejo uma fileira de negras velhas, cada qual mais boba que a outra – que vão passando a história para diante, cada vez mais atrapalhada*¹³ (LOBATO, 1973b, p. 113).

¹³ Fala da personagem Emília.



A análise de tais elementos permite uma melhor compreensão desse sistema histórico de exclusões e dominações, ainda que, a partir de mecanismos ideológicos, e em nome da unidade imaginária, tenha-se a impressão da convivência harmoniosa, subsumida pelo apagamento de todas as formas de assimetrias e violências. Portanto, há de se considerar a literatura de Monteiro Lobato no seu caráter mais persuasivo e na sua capacidade de produção simbólica, sem, contudo, inviabilizar a problematização de tal discurso. Considerando o sistema de “pigmentocracia” (LIPSCHUTZ *apud* Guimarães 2005, p. 48), que caracteriza o Brasil, apontando para a conjugação entre cor da pele, *status* e honra, torna-se possível compreender a desvalorização da personagem tia Nastácia, quando, por reiteradas vezes, a sua representação e presença são ancoradas na inferioridade. Assim,

[...] Uma discussão sobre a nacionalidade é de fundamental importância, porque, no Brasil, como já sugerido, as regras de pertença nacional suprimiram e subsumiram sentimentos étnicos, raciais e comunitários. A nação brasileira foi imaginada numa conformidade cultural em termos de religião, raça, etnicidade e língua. Neste contexto nacional, o racismo só poderia ser heterofóbico [...] (Guimarães, 2005, p. 52).

Não é de maneira gratuita que, ao final da obra *Histórias de Tia Nastácia*, as personagens abominem as ditas histórias populares em virtude da supervalorização daquelas de matriz européia, subsumidas na escrita dos maiores “expoentes” da literatura infanto-juvenil, a exemplo de Hans Christian Andersen, dos irmãos Grimm, de Charles Perrault e James Barrie. Esse aspecto torna-se evidente no seguinte fragmento:

[...] – Agora chega – disse dona Benta. – Vocês já devem estar empanturrados de histórias.
- Eu confesso que estou – disse Emília – Estou cheia de reis e príncipes e princesas encantadas e velhas corocas e jabutis e veados e onças. Sinto até um gostinho de jardim zoológico na boca.
- Também eu estou farta – disse Narizinho. – História do povo não quero mais. De hoje em diante, só as assinadas pelos grandes escritores. Essas é que são as artísticas.
- Bem – concluiu dona Benta. – Da próxima vez contarei só histórias literárias, isto é, as escritas pelos tais grandes escritores [...] (LOBATO, 1973b, p. 164)

Nesses termos, para que tia Nastácia experimentasse a passagem do não ser ao ser cultural, seria preciso que ela “jogasse” com os elementos da cultura hegemônica. No entanto, a julgar pelo ciclo lobatiano, essa promessa não se realiza, prevalecendo a subalternidade da personagem. Vale dizer que em não se realizando esse processo de

assimilação, as demais vozes que fazem parte do universo simbólico do Sítio do Picapau Amarelo ratificam, constantemente, que a presença de tia Nastácia deve ser apagada - embora ela seja identificada no ciclo infanto-juvenil lobatiano - indicando o que aqui se denomina como inclusão excludente.

Aqui são retomadas outras ilustrações retiradas da obra *Histórias de Tia Nastácia* para melhor representar esse aspecto denominado de inclusão excludente.

Figura 5: o enfiado Visconde de Sabugosa

Figura 6: Contação de Histórias

Tia Nastácia ocupa a centralidade da imagem. A sua volta estão as demais personagens, o que pode sugerir o protagonismo a partir da ação de contar histórias. No entanto, colocando os elementos visuais em relação, são notados, novamente, os mesmos traços caricaturais, logo, grotescos da personagem. O exagero dos traços físicos associado à posição ocupada pela personagem, na cena, mantém relação com o que Bhabha (2003) observa: “[...] o estereótipo deve sempre estar em excesso do que pode ser provado empiricamente ou explicado logicamente [...]” (BHABHA, 2003, p. 106). Portanto, para evidenciar uma condição inferiorizada, torna-se necessário dilatar essa presença inquietante. Outro fator que deve ser levado em consideração é o posicionamento ocupado por Visconde – exímio representante do saber científico. No livro, a figura 6 ocupa toda a página e a figura 5, como complemento, é disposta na página anterior; isso provavelmente para demarcar o distanciamento do que Tia Nastácia representa. Acresce-se a isso o comentário feito pela boneca Emília:

[...] – Pois cá comigo – disse Emília – *só aturo essas histórias como estudos da ignorância e burrice do povo. Prazer não sinto nenhum. Não são engraçadas, não têm humorismo. Parecem-me muito grosseiras e bárbaras – coisa mesmo de negra beijuda, como tia Nastácia. Não gosto, não gosto e não gosto...* (LOBATO, 1973b, p. 110).

O paradoxo dessa cena pode ser melhor entendido a partir da noção de fetiche discutida por Hall (1997), Bhabha (2003). Acrescente-se a isso o que Young (2005) denomina como “dialética da atração e repulsão”, ou seja, um jogo de recusa e fixação, que permite reconhecer a diferença e, ao mesmo tempo, mascarar-la; daí a importância de se considerar o lugar da fantasia no discurso colonial (ou a “máquina desejan-

colonial). Eis o diálogo dos autores em torno da noção de fetiche (que se associa à noção de fobia):

[...] Fetishism [...] involves disavowal. Disavowal is the strategy by means of which a powerful fascination or desire is both indulged and at the same time denied. It is where what has been tabooed nevertheless manages to find a displaced form of representation [...] (HALL, 1997, p. 267).

[...] Dentro do discurso, o fetiche representa o jogo simultâneo entre a metáfora como substituição (mascarando a ausência e a diferença) e a metonímia (que registra contiguamente a falta percebida). O fetiche ou estereótipo dá acesso a uma “identidade” baseada tanto na dominação e no prazer quanto na ansiedade e na defesa, pois é uma forma de crença múltipla e contraditória em seu reconhecimento da diferença e recusa da mesma [...] (BHABHA, 2003, p. 116).

Tia Nastácia, portanto, associada a essa ambivalência, passa a ser desagregada em suas partes, reduzida a uma coisa¹⁴, num movimento associado ao fetichismo - enquanto substituição, sublimação do que não pode ser exibido. Em Tia Nastácia acredita-se que seja a condição escrava. Como ela não pode ser apresentada como escrava, passa a ser reduzida a um ser desprovido de razão, criticidade e autonomia, ela é reduzida a tal condição subalterna perene. A compreensão desses elementos torna-se crucial para melhor compreender a obsessão em marcar a diferença (Cf. HALL, 1997), o que ocorre com a redução da personagem à natureza. O caráter bárbaro, a selvageria, a distorção de caráter passam a ser os atributos essenciais de Tia Nastácia. Em síntese, o que é mostrado: a animalização, a redução da personagem; o que não pode ser mostrado: a sua humanização; o aspecto que é realmente desejado (o desejo colonial): a condição escrava. Em outros termos, nesse movimento de desejar e negar, o que tem sido proibido arruma-se para encontrar uma forma deslocada de representação. Essa forma deslocada é o estereótipo: forma limitada de alteridade (Cf. BHABHA, 2003).
Conforme Hall:

[...] The important point is that stereotypes refer as much to what is imagined in fantasy as to what is perceived as ‘real’. And, what is visually produced, by the practices of representation, is only half the story. The other half – the deeper meaning – lies in what is not being said, but is being fantasized, what is pined but cannot be shown [...] (HALL, 1997, p. 263).

¹⁴ Vale ratificar que assim a personagem é denominada na página de abertura de Histórias de Tia Nastácia: como uma “coisa”.

Figura 7: *Reinações de Narizinho*

Figura 8: *Reinações de Narizinho*

As imagens acima retomam a questão da inclusão excludente e, ao mesmo tempo, da caricaturização. Mas ao inseri-las intenta-se acrescentar mais dois elementos à análise. Com isso ressalta-se que a Tia Nastácia é dada a oportunidade de convivência social rumo ao aperfeiçoamento ou *cultivation* nos termos utilizados por Young (2005). Daí o fato de em muitas ilustrações e fragmentos literários a personagem surgir em meio a cenas da vida doméstica (serões e contação de histórias, sobretudo). Algumas dessas cenas são marcadas pelo deslocamento ou alheamento da personagem (como se pode notar na figura 7 e também na figura 3); em outras, mantém-se o sentido quase débil, pela imobilidade da expressão que se repete (figura 8). Por tais motivos há uma repetição de que Tia Nastácia é inapta para progredir, permanecendo no seu estado animalizado, tosco – seja pelo que faz ou diz. Essa é a marca de uma diferença irreversível, quase tida como patológica.

Associada a esses aspectos está a estratégia de infantilização da diferença (Cf. HALL, 1997). Para tanto, há a privação dos atributos de autonomia e criticidade da personagem, que geralmente é representada em estado quase irracional. As próprias personagens infantis e até mesmo animais demonstram maior capacidade cognitiva do que tia Nastácia¹⁵. Há também a privação da responsabilidade nos momentos em que a personagem socializa as histórias, conforme fragmentos a seguir:

[...] Emilia torceu o nariz:
 - Essas histórias folclóricas são bastante bobas – disse ela. – Por isso é que não sou “democrática”! Acho o povo muito idiota...
 - Nossa Senhora! – exclamou dona Benta. – Vejam só como anda importante a nossa Emilinha. Fala que nem um doutor.
 - A culpa é sua – disse Emilia. – A culpa é de quem anda nos ensinando tantas ciências e artes [...]

[...] – Pois eu gostei da história – disse Pedrinho – porque me da a idéia da mentalidade do nosso povo. A gente deve conhecer a essas histórias como um estudo da mentalidade do povo (LOBATO, 1973b, p. 105).

[...] - E os tais pássaros de pluma? – disse Narizinho. – Que é que entende você por pássaros de pluma, Nastácia?
 - Não sei, menina – respondeu a preta. – A história eu ouvi assim e por isso conto assim. Pássaro de pluma é passado de pena, parece.

¹⁵ Nesse aspecto pode ser inserido burro falante, personagem de *Reinações de Narizinho*.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

- E já viu pássaro que não seja de pena, sua tola? – disse Emilia. – *O que vale é que você mesma confessa não ter culpa das idiotices da historia, senão eu cortava um pedaço desse beijo...* (LOBATO, 1973b, p. 113).

Ressalta-se que a demarcação da diferença como algo negativo – enquanto prática representacional – envolve a conjugação das personagens lobatianas: D. Benta, Emilia, Pedrinho, Narizinho, a partir de modos específicos. Essas especificidades, quando postas em relação, convergem para formas de fixação da condição subalterna de tia Nastácia e a exibição de evidências que justifiquem tal tratamento. Por fim, cita-se um fragmento literário no qual se percebe a fantasia da origem, como um dos aspectos que possivelmente expliquem e justifiquem as relações estabelecidas com a personagem – a matéria do “desejo colonial”:

[...] – Sim, mas que havemos de esperar dos pobres negros do Congo? Sabem onde é o Congo?

- Sei – disse Pedrinho. – É quase no centro da África [...] Há o Congo Belga e o Congo Frances. E sei também que cá para o Brasil vieram muitos escravos desses Congos.

- É verdade. O pobre Congo foi uma das zonas que mais forneceram escravos para a America, de modo que muitas histórias dos nossos negros não de ter raízes lá.

- Quem sabe Tia Nastácia é do Congo? – lembrou Narizinho.

- Não – disse dona Benta. – Nastácia é neta de um casal de negros vindos de Moçambique.

- Hum! Hum! – exclamou Emilia. – Moçambique! Que luxo¹⁶ ... (LOBATO, 1973b, p. 160).

Para não encerrar a questão...

Em consonância com as reflexões empreendidas por Achugar, sobretudo no que diz respeito à constituição da memória como espaço e empreendimento conflitante e de poder, por um lado, e por outro, a dinamicidade das relações sociais, com disputas por legitimidade cultural, observa-se, de maneira espantosa, que na escrita lobatiana a presença de Tia Nastácia não remete a qualquer forma de autonomia. Em verdade, nota-se um caráter estático marcando a sua presença nas narrativas, não havendo reação às formas desqualificantes. É nesse sentido que a noção lobatiana praticamente não abre a possibilidade de percepção do movimento dinâmico social, prevalecendo, dessa maneira, a cristalização em torno dos aspectos inferiorizantes. No entanto, vale retomar o que observa Achugar, ou seja:

¹⁶ Vale a pena atentar para a hierarquização estabelecida ao se referir aos africanos.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

[...] os grupos marginalizados tentam, constantemente, manter, no centro da memória nacional, aquilo que o grupo dominante, freqüentemente, deseja esquecer. O resultado é uma memória coletiva sempre em movimento: não é uma memória, mas múltiplas memórias, constantemente lutando para ser consideradas no espaço cultural (ACHUGAR, 2006, p. 209).

Por conta dos aspectos aqui elencados tem-se a necessidade de problematizar e reconstruir as produções literárias infanto-juvenis na medida em que essas obras dialogam com o imaginário infantil. Na verdade esse exercício crítico-ideológico implica numa tripla reversão: dos sentidos, das representações e das hierarquias, o que se relaciona com o trabalho de trans-codificação apontado por Hall (1997) como um desafio. Esse desafio é colocado levando-se em pauta que “é a utilização de metanarrativas que acaba por ser opressiva e totalitária, ao subordinar a complexidade e variedade do mundo social a explicações ou finalidades únicas e totais” (SILVA, 1996, p. 142). “[...] This open out into a ‘politics of representation’, a struggle over meaning which continues and is unfinished [...]” (HALL, 1997, p. 277)

REFERÊNCIAS

ACHUGAR, Hugo. **Planetas sem boca**: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

AZEVEDO, Carmen Lúcia de; CAMARGOS, Márcia Mascarenhas de Rezende; SACCHETTA, Vladimir. **Monteiro Lobato**: furacão na Botocúndia. São Paulo: Editora SENAC, 1997.

CANCLINI, Nestor Garcia. Quem fala e em qual lugar: sujeitos simulados e pos-construtivismo. In: _____ **Diferentes, desiguais e desconectados**; tradução Luiz Sergio Henriques. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005. (p. 183-20)

GOMES, Nilma Lino. **Parecer CNE/CEB n. 15/2010**. Brasília – DF: Conselho Nacional de Educação, 2010.

Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=15074&Itemid=866 (acesso em 10/10/2010)

GOUVÊA, Maria Cristina Soares. Imagens do negro na literatura infantil: análise historiográfica. In: **Educação e Pesquisa**, v. 31, n. 01. São Paulo jan./mar. 2005.

Disponível em: <http://www.educacaoonline.pro.br/> (acesso em 15/03/2008)



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Os estudos de relações raciais no Brasil **Racismo e Anti-racismo no Brasil**. São Paulo: Editora 34, 1999. (p. 71-146)

HALL, Stuart. The spectacle of the “other”. In: HALL, Stuart (org.). **Representation: cultural representations and signifying practices**. London: Sage Publications, 1997. p. 223-90

LOBATO, Monteiro. **Reinações de Narizinho**. 5.ed.; ilustrações de Manoel Victor Filho. São Paulo: Brasiliense, 1973a.

LOBATO, Monteiro. **Histórias de Tia Nastácia**. 5.ed.; ilustrações de Manoel Victor Filho. São Paulo: Brasiliense, 1973b.

OLIVEIRA, Ieda de. **O que é qualidade em literatura infantil e juvenil? Com a palavra o escritor**. São Paulo: DCL, 2005.

PELS, Peter. The anthropology of colonialism: culture, history and the emergence of western governmentality. In: **Annual Review Anthropology**, n 26, 1997. p. 163-83.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. 2. ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 2003.

SODRÉ, Muniz; PAIVA, Raquel. **O império do grotesco**. Rio de Janeiro: MAUAD, 2002.

YOUNG, Robert C. **Desejo colonial: hibridismo em teoria, cultura e raça**; tradução Sergio Medeiros. São Paulo: Perspectiva, 2005.

ZILBERMAN, Regina (org.). **Atualidade de Monteiro Lobato: uma revisão crítica**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.